
**ENSINO
FUNDAMENTAL
– 8º ANO –
LÍNGUA
PORTUGUESA:
ANÁLISE E
PRODUÇÃO DE
TEXTOS
VOLUME ÚNICO**

Apostila do 8º ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



ANÁLISE E PRODUÇÃO DE TEXTOS



AULA 01

A INVENÇÃO



prática da composição textual é nada mais que o meio para aprender a escrever bem, isto é: pensar bem no assunto, interessar-se pelo assunto e exprimir bem o assunto em sua língua e em sua gramática.

Para iniciar a produção textual, em um primeiro momento é necessário compreender a temática exigida e desenvolvê-la (pensar sobre, interessar-se sobre e exprimir sobre).

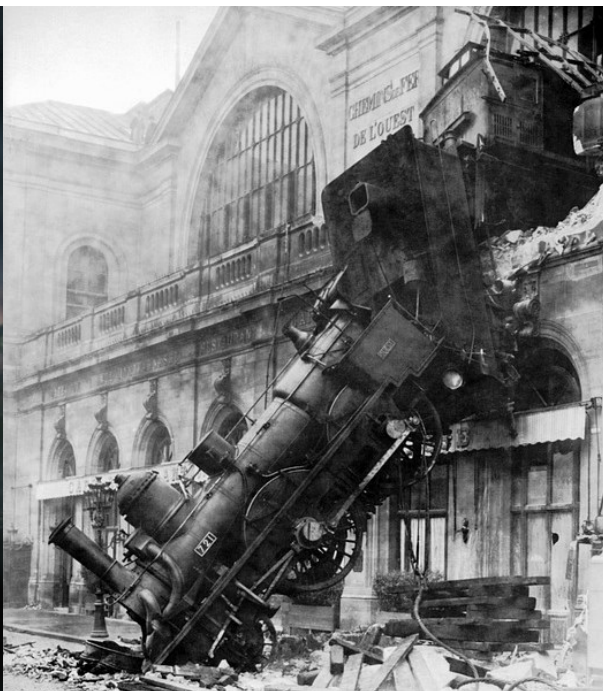
Para isso segue-se a **invenção**. A invenção é o trabalho intelectual que faz com que se encontre um assunto, se entenda este assunto para desenvolvê-lo com ideias e fatos importantes. Para bem realizar a invenção, é importante o estudo e o hábito de pensar, refletir e conhecer. Dessa forma, a prática da escrita está conectada não apenas à literatura e à gramática, mas também à história e às ciências, uma vez que um escritor sem conhecimento não produz nenhum bom conteúdo.

EXERCÍCIOS

1. O que é a prática da composição textual?
2. Para iniciar a produção textual, o que precisamos compreender? E seguido a esse momento?
3. A partir das imagens a seguir, será o momento de praticarmos aspectos da invenção.

Diante de cada imagem, pense e invente:

- a. O que aconteceu?
- b. Como ocorreu?
- c. Quando ocorreu?
- d. Quem pode estar envolvido?





AULA 08

EXERCÍCIO FINAL DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Objetivo: Verificar e aplicar tudo o que foi aprendido ao longo do volume através de uma correção da produção textual própria desenvolvida ao longo das aulas com o tema: “Meninos jogando bola na rua”.

1. Tendo em vista as considerações finais apresentadas na aula anterior, execute cada orientação no texto elaborado ao longo deste volume (sobre o tema: “Meninos jogando bola na rua”).

2. Observe se seu texto está coeso, coerente, se a construção dos parágrafos está adequada, com pontuações corretas e as palavras escritas de modo adequado.

3. Após a correção e releitura atentas, passe o texto em uma folha de papel a parte, com uma grafia caprichada, para entregar ao educador. Esta produção deve ser feita a tinta e deve-se criar um título para ela.

4. Se conseguir, pode ilustrar o seu texto.

O QUE FOI VISTO NO VOLUME

ANÁLISE E PRODUÇÃO DE TEXTOS

- A composição textual:
 - A invenção.
 - A meditação.
 - A compreensão do assunto.
 - Imaginação.
 - Sensibilidade.
 - Memória.
 - Disposição e plano textuais.



AULA 11

OS TEXTOS DESCRITIVOS

Objetivo: *continuar o estudo e revisão dos tipos de texto, recordando a estrutura do texto narrativo, assim como as características e as descrições objetivas e subjetivas.*



Como o próprio nome nos diz, o texto descritivo é aquele que apresenta a caracterização, a descrição como centro de sua escrita e mensagem. A descrição pode ser de objetos, paisagens, pessoas, seres em geral, sendo informações fictícias ou reais. Geralmente, com este tipo de texto, é possível criar em nossa mente uma imagem do que está sendo descrito.

Podemos comparar o texto descritivo a uma fotografia de uma pessoa desconhecida, uma vez que, a partir daquele relato, quase vemos sua fisionomia.

É importante notar que muitos textos, por mais que não pertençam ao tipo de texto em questão, apresentam características descritivas para melhor apresentar o assunto que abordam, como por exemplo, nos textos narrativos a descrição física e psicológica de personagens e a caracterização dos espaços em que ocorrem.

São exemplos de textos descritivos: diário, relato de viagens, lista de compras, currículos, cardápios, anúncios de classificados.

CARACTERÍSTICAS DO TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo possui as seguintes características:

- **Retrato verbal:** através das palavras, vemos como que uma fotografia do que será descrito (uma pessoa, um objeto, uma paisagem, etc.).
- **Substantivos e adjetivos:** predominância de substantivos e adjetivos que especificam pessoas, objetos, paisagens, etc.
- **Presença de verbos que dão ênfase às características do que é descrito:** por exemplo, ser, estar, permanecer, continuar, ficar, tornar, andar e parecer.

ESTRUTURA DO TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo geralmente possui uma estrutura:

- **Introdução:** Apresentação do que irá descrever.
- **Desenvolvimento:** pode ser uma caracterização subjetiva, em que o autor, conforme a sua visão, expõe o que ele percebe, podendo não corresponder com a realidade; ou uma caracterização objetiva, que seria a descrição real, sem a presença de impressão.
- **Conclusão:** Finalização da apresentação e caracterização do ser, ou seja, tudo aquilo que é necessário saber sobre o que é descrito.

DESCRIÇÕES OBJETIVAS E SUBJETIVAS DO TEXTO DESCRITIVO

O texto descritivo pode ser:

- **Objetivo:** Descrição precisa, sem expressões pessoais do observador. Esse ponto de vista não abre possibilidades de interpretações variáveis.

Por exemplo: Trata-se de uma pintura sobre fina camada de reboco, medindo 31 cm de largura por 42,5 cm de altura.

- **Subjetivo:** Permite comentários pessoais sobre o objeto descrito. Abre possibilidades de interpretações.

Por exemplo: Trata-se de um texto impressionante e profundo.

Para identificar tais pontos de vista, é preciso ler atentamente o texto e procurar definir se há impressões pessoais por parte do observador ou não.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS O CADERNO

1. Copie as características do texto descritivo.
2. Leia o texto descritivo abaixo e encontre todos os elementos, características e descrições aprendidas sobre este tipo de texto.

O HÁBITO CARMELITA



A túnica (sarja ou lã), que vai do pescoço até as panturrilhas, para ser usada diretamente sobre a pele. Localize o reforço de conforto sob a manga. As mangas são removíveis, como visto aqui.



Nesta outra foto, vemos a manga de túnica clara, sob uma manga removível de lã escura.



Para trabalhar, enrolamos o vestido da frente para trás nas costas; podemos ver o gancho onde tudo está preso atrás.



Escapulário do comprimento do manto, para ser usado sobre ele, onde é preso por alfinetes.

Emoldurado: pequeno escapulário noturno preso na cintura.



Body de lã para usar sobre a túnica, ao qual o casaco é pendurado.



O casaco (saia) com bolso na frente.
Correio (em branco)



Corpo de verão em lona.



Calçado de inverno (lã) e verão
(lona).

Amarre atrás.



Cinto para prender as calças
atrás do joelho.



O chapéu, de lona.

Enfiado na cabeça, é preso sob
o queixo e atrás por alfinetes, e
colocado entre o manto e o
escapulário.



O 1º véu, para colocar no chapéu, e preso por alfinetes.



O segundo véu, colocado sobre o menor (retira-se para trabalhar). Há um terceiro véu mais longo para ser usado sobre toda a cabeça ao encontrar os trabalhadores.



O cocar é usado sob o chapéu, no cabelo.



O jaleco branco, ligeiramente mais curto que o vestido.



O tibi (2 cm) prende a parte de cima do casaco na frente.



AULA 16

APRESENTAÇÃO DA MEMORIZAÇÃO MENSAL E PRODUÇÃO DE TEXTOS FINAL DO VOLUME

Objetivo: *verificar a memorização mensal sugerida (segundo os critérios de entonação, ritmo, altura da voz da tabela de avaliação de leitura) e finalizar a seção de Produção e Análise de Textos produzindo um dos tipos textuais aprendidos.*

APRESENTAÇÃO DA MEMORIZAÇÃO MENSAL

Ao longo do volume você memorizou o poema “Março”, de Olavo Bilac.

“Março, que se adianta,
Traz a Semana Santa,
Em que Jesus morreu:
Foi pela Humanidade
Que Ele, todo bondade
Viveu e padeceu.

Há luto na cidade...
Quem se humilhar não há-de,
Pensando na Paixão?
Na igreja os órgãos cantam,
E as almas se levantam,
Cheias de gratidão.

Orai também, crianças!
E, suspendendo as danças,

Lembrai-vos de Jesus,
Que, mártir voluntário,
Morreu sobre o Calvário,
Nos braços de uma cruz.”

Neste momento, irá apresentar ao educador o fruto de sua memorização.

Fique em pé, com a postura ereta, os pés apoiados e declame o poema aos demais. Se for possível, apresente também aos seus familiares e amigos.

Educador, faça a aferição de leitura analisando os seguintes critérios:

- Clareza, dicção (pronúncia correta e articulada das palavras)
- Pontuação, entonação, ritmo da leitura.
- Intensidade/ altura da voz.
- Velocidade da leitura.

Caso seja possível, **registre as leituras e declamações por meio de gravações**, para que possa acompanhar o desenvolvimento do educando ao longo dos volumes.

Caso seja uma turma numerosa, aproveite o tempo de produção dos alunos para verificar a memorização individualmente.

CONCLUSÃO DA SEÇÃO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Nesta aula finalizaremos o volume de produção textual. Com base em tudo o que aprendeu neste volume, escolha uma das opções abaixo para escrever o seu texto. O **tema** desta produção será **“FAMÍLIA”**.

- Texto narrativo.
- Texto injuntivo.
- Texto descritivo.

ORIENTAÇÕES

- Escolha o tipo textual e escreva ao menos uma página sobre o tema **“FAMÍLIA”**.

- Recorde o que a estrutura deste tipo textual contempla, por exemplo: o texto narrativo tem um narrador, personagens, acontece em determinado tempo e espaço, disposto em um enredo (com desenvolvimento, clímax, etc.).
- Reflita sobre o tema, sobre tudo o que pode escrever, ideias, pensamentos, sentimentos, exemplos, lembranças.
- Para escrever o seu texto, você pode usar ideias que já desenvolveu durante o volume, aprimorando-as. Ou pode fazer alguma escrita inédita.
- Faça o rascunho do texto, ajustando os detalhes, pensando em cada elemento textual.
- Analise se aplicou todos os itens correspondentes ao tipo textual escolhido.
- Não se esqueça de escrever um título para o seu texto.
- O texto pode ser real ou fictício, algo que a sua criatividade possa expressar.
- Ao final do texto, ilustre-o.

FINALIZAÇÃO

A revisão e a reescrita de um texto são etapas necessárias e devem ser realizadas com atenção. Com base na releitura, faça as adequações em seu texto e o entregue ao educador.

Educador: se for possível, os textos produzidos podem ser apresentados.



AULA 20

PRODUZINDO PARTES DE UM ESTATUTO DE REVISTA

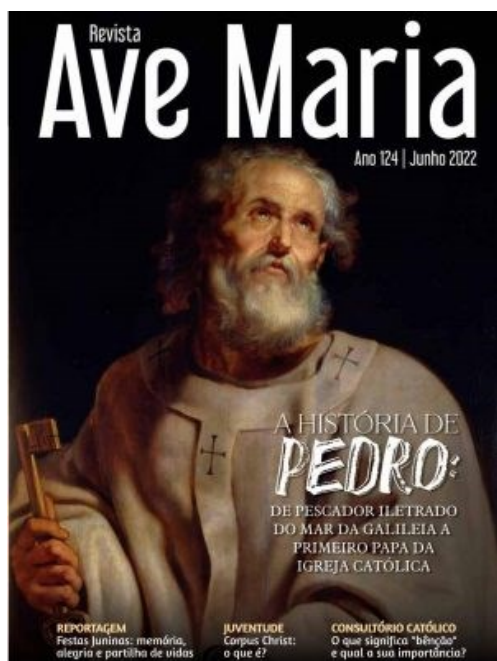
Nas aulas anteriores iniciamos o aprendizado do tipo textual estatuto, observando as características principais que o compõe, os tipos de estatutos e na aula anterior analisamos mais especificamente as características do estatuto de revista.

EXERCÍCIO PARA SER FEITO NO CADERNO

Nesta aula, criaremos uma parte do estatuto de revista, pensando nos seguintes aspectos:

- Coloque um nome criativo e original em sua revista.
- Disposições gerais da revista.
- Objetivos (assunto, onde será publicada e como será divulgada).

Ao final de sua produção, leia para seus colegas e familiares e faça uma **ilustração** da primeira capa de sua revista.





AULA 22

ASPECTOS ORTOGRÁFICOS

A grafia de algumas palavras e expressões precisa estar correta para dar como resultado aquilo que é esperado. Em todos os volumes revisaremos algumas dessas grafias e seus erros mais comuns.

O USO DE “EXCESSÃO” NO LUGAR DE EXCEÇÃO



Como foi introduzido inicialmente, constitui erro o uso de algumas expressões. No caso, a expressão “excessão” é uma delas, afinal, escrita dessa forma, ela não existe. **Exceção** (grafia com “ç”) é uma palavra que pertence à classe gramatical do substantivo, pois é um substantivo feminino que nomeia o desvio de um padrão estabelecido. Deste substantivo deriva o verbo **excetuar**, isto é, fazer com que a “exceção” ocorra.

Exemplos:

- Com **exceção** da cor laranja, Lúcia dizia que gostava de todas as cores.
- Todos os irmãos gostariam de fazer um piquenique no parque, com **exceção** de João.
- Com **exceção** do aniversariante, todos sabiam da festa surpresa.

O USO DE “DERREPENTE” NO LUGAR DE “DE REPENTE”

Outra expressão que comumente é vista escrita de forma incorreta é “derrepente”. **De repente** (grafia separada e com apenas um “r”) é uma locução adverbial de modo referente ao advérbio “**repentinamente**”, ou seja, como é próprio do advérbio, ela tem a função de modificar o verbo, adjetivo ou advérbio que acompanha. É uma locução adverbial formada pela preposição “**de**” mais o substantivo “**repente**”, este que significa “ação repentina”.

Exemplo:

- Estávamos estudando e Paulo chegou **de repente**.

→ Advérbio de modo que modifica o verbo “chegou”. Poderia ser: “[...] chegou **repentinamente**”.

— Era um dia ensolarado, mas, **de repente**, o céu ficou nublado e começou a chover.

→ Advérbio de modo que modifica o verbo “ficou”. Poderia ser: “[...] o céu **repentinamente** ficou nublado.”

— “Estou com o coração nas mãos, pelo receio de chegar **de repente** o Presentado Frei Domingos.” (Cartas de Santa Teresinha do Menino Jesus)

→ Advérbio de modo que modifica o “chegar”. Poderia ser: “[...] pelo receio de chegar **repentinamente**”.

O USO DE “PRECISA-SE” OU “PRECISAM-SE”

Muitas vezes há dúvidas sobre a forma correta de utilizar a expressão acima, afinal, quando as palavras estão no plural ou singular toda a sentença também deve estar. Contudo, a concordância verbal apresenta algumas regras e uma delas se dá através do que é chamado de pronome de indeterminação do sujeito.

A confusão entre as expressões “precisam-se” e “precisa-se” ocorre devido à aparente concordância com o pronome “-se”. Este pronome, quando usado na expressão em questão, tem a função de indeterminar o sujeito e, sendo assim, só acompanha os verbos de sujeito indeterminado: verbos na 3ª pessoa do singular. Além disso, é importante ressaltar um princípio gramatical: o verbo sempre concorda com o sujeito e não com o complemento.

Dessa forma, mesmo que o complemento verbal esteja no plural, se o sujeito for indeterminado e acompanhado pela partícula “-se”, o verbo deve estar na **3ª pessoa do singular**.

Exemplos:

— **Precisa-se** de pessoas entusiasmadas para ajudar no retiro.

→ Embora o complemento verbal do verbo precisar esteja no plural (“de pessoas”), ele deve concordar com o sujeito. Sujeito indeterminado com a partícula “-se” = verbo na **3ª pessoa do singular**. Portanto, o correto é “precisa-se” e não “precisam-se”.

— **Precisa-se** de bons conselhos.

→ Embora o complemento verbal do verbo precisar esteja no plural (“de bons conselhos”), ele deve concordar com o sujeito. Sujeito indeterminado com a partícula “-se” = verbo na **3ª pessoa do singular**. Portanto, o correto é “precisa-se” e não “precisam-se”.

EXERCÍCIOS

1. O que é, morfológicamente, a expressão “exceção”?
2. O que é, morfológicamente, a expressão “de repente”?
3. Reescreva as sentenças a seguir já com a devida correção de acordo com a aula de hoje:
 - a) Muitos eram aqueles que viam como a Princesa Isabel seria uma imperatriz que faria da Terra de Santa Cruz realmente uma bela **excessão** no mundo.
 - b) Com **excessão** de Nossa Senhora, todos nascemos com o pecado original.
 - c) “Porém, **derrepente**, pensou na sua madrinha Nossa Senhora, sossegou e dormiu.” (Simões Lopes Neto)
 - d) Estávamos ansiosos pela chegada da mamãe quando, **derrepente**, ela chegou.
 - e) Nossa vizinhança é silenciosa, com **excessão** da casa nº43.
4. Explique qual é a forma correta a ser usada: “precisa-se” ou “precisam-se”.
5. **Desafio:** sabendo que as asserções abaixo estão corretas, justifique-as.
Alugam-se casas.
Fala-se de virtudes.



AULA 27

A ENTREVISTA



utro tipo de texto de modalidade oral é a entrevista.

A **entrevista** é um gênero de texto que consiste em um diálogo entre duas ou mais pessoas, sendo estas entrevistadoras (es) e entrevistado (s). O principal objetivo da entrevista é coletar declarações e informações sobre determinado assunto.

Este gênero de texto pode ser identificado em diversas modalidades: jornalística, empregatícia, social e até mesmo psicológica. Neste volume, no entanto, os estudos serão centrados apenas na primeira modalidade.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

No meio jornalístico, esta coleta de informações é feita por jornalistas, com o objetivo de **divulgar para a população** através dos meios de comunicação, como jornais, revistas, *sites*, rádios e tevês. Trata-se, portanto, de uma apuração de dados que virará notícia pública e por isso pode ser também denominada “entrevista noticiosa”.

Por se tratar de um diálogo, é comum que apareçam **sinais de oralidade** no texto transcrito, mesmo que estes devam ser evitados, pois este deve **apresentar integralmente as falas** dos envolvidos, sem interpretações ou discursos indiretos.

Além do mais, por se tratar de uma transcrição, a entrevista publicada utiliza-se de muitos **sinais de pontuação e sinais gráficos**, como travessão, aspas, reticências, interrogação, parênteses, e detalhamento de aspectos de **reações do entrevistado**, como lágrimas e risos.

Sendo assim, podem-se resumir as principais características da entrevista em:

- Função informativa.
- Presença de entrevistador e entrevistado.
- Diálogo oral e transcrito.
- Discurso direto.

- Linguagem formal, porém com possíveis ocorrências de informalidade.
- Descrição de reações.

Exemplo

Entrevista realizada por João do Rio, em 1904, e publicada em seu livro *O Momento Literário*. Rio de Janeiro: Garnier, 1904, e republicada no *site* www.revistabula.com, de onde foi extraída e adaptada.

João do Rio: Pode-se importunar?

Olavo Billac: Ó avé madrugadora! Tu por aqui?

Ergueu-se com a sua aristocrática distinção. Estava todo vestido de linho branco, a camisa alva com punhos e colarinhos duros.

Olavo Billac: Aposto que vens ver os meus cartões postais?

O poeta fez-me sentar.

Olavo Billac: Oito horas já? Há não sei quantas escrevo eu.

João do Rio: Versos?

Olavo Billac: Oh! Não, meu amigo, nem versos, nem crônicas — livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se fosse possível, eu me centuplicaria para difundir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler que o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analfabeto. Talvez sejam ideias de quem começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu entusiasmo, o entusiasmo — que é a vida — a este sonho irrealizável.

(...)



Olavo Billac



João do Rio

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho em seu caderno.
2. Escreva o número e o título desta aula.
3. O que é entrevista?
4. Quais são as possíveis modalidades da entrevista?
5. Que outro nome pode ser dado à entrevista? Por quê?
6. Quais são as principais características da entrevista? Explique-as.
7. Releia com atenção o trecho de entrevista do exemplo acima e responda:
 - a. Quem é o entrevistador? E o entrevistado?
 - b. Qual é a primeira informação obtida durante a entrevista?
 - c. Identifique uma marca de oralidade.



AULA 29

CLASSIFICAÇÕES DAS ENTREVISTAS JORNALÍSTICAS

Vamos conhecer, nesta aula, outros tipos de entrevistas de cunho jornalístico.

CLASSIFICAÇÕES

Existem sete principais tipos de entrevistas jornalísticas. Tais classificações são feitas a partir da maneira como a entrevista é realizada e seu objetivo específico.

ENTREVISTA DE ROTINA

A entrevista de rotina é representada pelas fontes de notícias factuais, pautas diárias que têm curto prazo de validade para divulgação. Ou seja, pessoas que estiveram presentes na cena que está sendo noticiada, por isso apresentam um caráter mais espontâneo.

Por exemplo: Pessoas que presenciaram acidentes de trânsito. O depoimento dessas pessoas ilustra a matéria, e comprovam a veracidade do ocorrido.

ENTREVISTA INDIVIDUAL

A entrevista individual é marcada com antecedência, apresentando ao entrevistado o tema da pauta. A entrevista é concedida apenas a um jornalista, após o devido preparo das perguntas, assim como das respostas, que foram elaboradas pelas partes do encontro.



ENTREVISTA EM GRUPO

Também chamada de coletiva de imprensa, a entrevista em grupo ocorre com a participação de vários jornalistas, que se revezam nas perguntas feitas a uma ou mais pessoas.

É comum que todas as respostas sejam aproveitadas pelos jornalistas, entretanto, recebem maior destaque as perguntas mais interessantes ao tema da coletiva.



ENTREVISTA EXCLUSIVA

A entrevista exclusiva é concedida a um veículo, que divulgará o conteúdo pela primeira vez. Por ser exclusiva, esse tipo de entrevista é de grande interesse dos meios de comunicação em massa, porque instiga muitas pessoas à leitura.

ENTREVISTA DE PESQUISA

A entrevista de pesquisa é feita com especialistas sobre determinado assunto, para acrescentar informações a uma matéria com credibilidade. Conteúdos desse tipo são muito relevantes na elaboração de artigos, por exemplo.

ENTREVISTA CARACTERIZADA

É definida como entrevista caracterizada, os textos entre aspas, incluídos em uma matéria. Isto é, a fala do entrevistado é descrita como foi dita, uma transcrição fiel do que foi falado.

Estas passagens são curtas, definidas de acordo com a sua importância, sem adaptação na transcrição.

ENTREVISTA DE PERSONALIDADE

A entrevista de personalidade é feita para traçar um perfil de uma pessoa pública. Nessa entrevista, constam informações sobre hábitos, história de vida e outras curiosidades relevantes sobre a pessoa em questão.



EXERCÍCIOS PARA SEREM RESPONDIDOS ORALMENTE

Registre o cabeçalho em seu caderno.

Escreva o número e o título desta aula.

Como são classificados os diferentes tipos de entrevista jornalística?

O que diferencia uma entrevista de rotina de uma entrevista individual?

O que diferencia uma entrevista individual de uma entrevista exclusiva?

Quais as classificações das entrevistas com Júlio Verne e sobre os pandas gigantes, na lição anterior?

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Nesta aula você deverá finalizar o questionário e separar o dia para entrevistar seu convidado.



AULA 34

O TEXTO ARGUMENTATIVO – ARTIGO DE OPINIÃO



imos que a Língua Portuguesa é uma língua rica em palavras. Cada palavra possui um matiz próprio, uma força de expressão própria. Uma mesma realidade pode ser designada por diferentes palavras. Do mesmo modo, uma mesma palavra pode referir-se a diversas realidades.

Um exemplo é a palavra “artigo”, que pode ser usada para denominar uma classe gramatical, uma subdivisão de texto jurídico ou dois diferentes gêneros de produções, sendo um deles, o artigo de opinião: texto que apresenta a opinião do autor sobre determinado assunto de relevância atual.

A partir desta lição, os conhecimentos sobre este gênero de texto serão aprofundados.

O TIPO TEXTUAL ARGUMENTATIVO

Para compreendermos a estrutura do artigo, objetivo deste volume, faz-se necessário recordar o tipo de texto que abrange o artigo, que é o tipo argumentativo/ dissertativo.

O tipo textual dissertativo é aquele que **defende uma ideia**, seja ela científica, histórica, moral, artística ou literária, ou refuta um juízo. O texto dissertativo é baseado em uma **boa argumentação e no desenvolvimento do tema** ao qual a tese pertence.

Este tipo de composição exige muito estudo, prática e raciocínio lógico, além de **clareza de expressão**. Isto porque, a chave do texto dissertativo é o destaque dos pontos principais de um assunto, ligando-os de forma clara para se **chegar a uma conclusão verdadeira**.

CLASSIFICAÇÃO

A estrutura dos textos dissertativos é dividida em três partes:

- **INTRODUÇÃO:** esta é uma pequena parte do texto que apresenta a ideia, o tema ou assunto principal que será dissertado. Aqui é dado o princípio da questão a ser apresentada.

Exemplo

A PÁTRIA

Joaquim Manuel de Macedo

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso onde tinham nascido. O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem.

- **DESENVOLVIMENTO:** é a maior parte do texto, em que são apresentados os argumentos contra o tema e/ou a seu favor. Esta parte deve ser clara, bem ordenada e ligada entre si, além de equilibrada, e não é interessante que os parágrafos tenham extensões desproporcionais.

Exemplo

Coração sem amor é um campo árido, quase sempre, ou sempre, cheio de espinhos e sem uma única flor que nele se abra e o amenize. Haveria somente um homem em quem palpitasse coração tão seco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o lugar de seu nascimento.

Depois dos pais, que recebem o nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos: é um duplo receber, que é duplo dar. As ideias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a língua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família.

- **CONCLUSÃO:** é a recapitulação do texto, em que se resumem os fatos principais e argumentos da dissertação. É interessante que seja terminada com uma reflexão sobre o assunto ou até sugira uma solução, quando necessária.

Exemplo

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço a pátria.

O torrão natal, de J. M. de Macedo.

ARTIGO DE OPINIÃO OU COLUNA

O artigo de opinião ou **coluna**, é um gênero de texto que apresenta a **opinião do autor** sobre determinado assunto de **relevância atual**. Por seu caráter pessoal, é **assinado** e pode ser escrito em **primeira pessoa**. Sua publicação se dá em jornais, revistas, periódicos e blogs.

Seu objetivo é conduzir o leitor à reflexão do tema a partir da **perspectiva do autor**, podendo ser **provocativo** e proporcionar formas de **debate**. Assim, a **argumentação** é o principal recurso retórico utilizado nos textos de opinião, já que o articulista precisa demonstrar a validade de seu ponto de vista a partir de dados e informações confiáveis.

Em suma, a partir de uma questão polêmica e em tom de convencimento, o jornalista tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder da argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições.

Uma curiosidade do ramo jornalístico é que, quando um artigo tem importância secundária nos jornais, recebe o nome de “calhau”. Se a matéria não precisa ser publicada imediatamente por não ter compromisso com a atualidade, recebe o nome de “fria”. Porém, se as informações são inéditas e devem ser publicadas de imediato, a matéria recebe o nome de “quente”. Trata-se de um “furo” quando a notícia é importante e publicada pela primeira vez.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho.
2. Escreva o número e o título desta aula.
3. Resuma as características do tipo de texto argumentativo.
4. Resuma as características do artigo de opinião.
5. Sobre o texto “A pátria”, identifique:
 - a) O assunto sobre o qual se está dissertando.
 - b) O posicionamento do autor em relação ao assunto.
 - c) Um argumento.
 - d) A ideia conclusiva.



AULA 40

CONCLUSÃO: APRESENTAÇÃO ORAL



esta aula, concluiremos o artigo a qual iniciamos a produção, corrigindo os erros, os vocábulos, enriquecendo as estruturas e verificando os objetivos.

Após a finalização, apresente aos demais o que produziu, partilhando o que mais gostou, o que achou mais interessante e também o que mais teve dificuldades.

Fazer um artigo envolve um trabalho anterior (fazendo as pesquisas, levantando as fontes e argumentos), durante (elaborando) e depois, apresentando, publicando o trabalho e escrita. Nesta aula, será a apresentação de seu artigo.

ATIVIDADE DE VERIFICAÇÃO

Opções para a apresentação:

- Apresentação do objetivo e resumo do artigo escrito.
- Algum assunto da disciplina de Língua Portuguesa que mais lhe chamou a atenção.

Educador: Esta atividade pode ser feita coletivamente ou individualmente, de acordo com a sua escolha e com o contexto do ensino. Os alunos podem trocar os artigos entre si, lendo, avaliando e comentando as produções recebidas, de modo a aprimorar a escrita do amigo, destacando os aspectos positivos, primeiro, e dicas para melhorar a escrita.



AULA 44

ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO



s funções da linguagem foram revistas e ampliadas pelo linguista Roman Jakobson e se relacionam com a teoria da comunicação.

De acordo com este linguista, cada uma das funções tem o objetivo e sua origem em um dos elementos da comunicação, que também são seis: emissor, receptor, mensagem, código, canal e contexto.

ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO	SIGNIFICADO
EMISSOR	O emissor é a pessoa que produz e emite a mensagem, iniciando o ato comunicativo. É também chamado de locutor ou falante.
RECEPTOR	O receptor é a pessoa que recebe a mensagem emitida pelo emissor. A mensagem é, assim, destinada ao receptor, também chamado de interlocutor ou ouvinte. Pode ser uma pessoa ou um grupo de pessoas.
MENSAGEM	A mensagem é o conjunto de informações transmitidas pelo emissor. Pode ser verbal ou não verbal, escrita ou falada.
CANAL	O canal é o meio no qual ou pelo qual a mensagem é transmitida: e-mail, celular, rádio, televisão, jornal...
CÓDIGO	O código é o conjunto de signos e sinais utilizados na transmissão da mensagem: língua portuguesa, língua inglesa, língua gestual, cores, sons...

ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO	SIGNIFICADO
CONTEXTO	O contexto é a situação comunicativa em que se encontram os interlocutores: ambiente, espaço, tempo... É também chamado de referente.

Para que haja comunicação, é necessário que todos esses elementos estejam presentes.

EXEMPLO DOS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

O diretor de uma empresa envia um e-mail a todos os funcionários da empresa para informar que não haverá reunião devido à queda na produção e venda dos produtos.

- Emissor: diretor da empresa.
- Receptores: funcionários da empresa.
- Mensagem: Não haverá reunião devido à queda na produção e venda dos produtos.
- Canal: e-mail.
- Código: língua portuguesa.
- Contexto: empresa, ambiente de trabalho.

Observe a relação das funções da linguagem e os elementos da comunicação relacionados:

FUNÇÕES DA LINGUAGEM	ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO
Função referencial ou denotativa	contexto (o assunto)
Função emotiva ou expressiva	emissor (quem produz o texto)
Função apelativa ou conativa	receptor (quem recebe o texto)
Função poética	mensagem (o texto em si)
Função fática	canal (o meio de comunicação)
Função metalinguística	código (a língua usada, por exemplo)

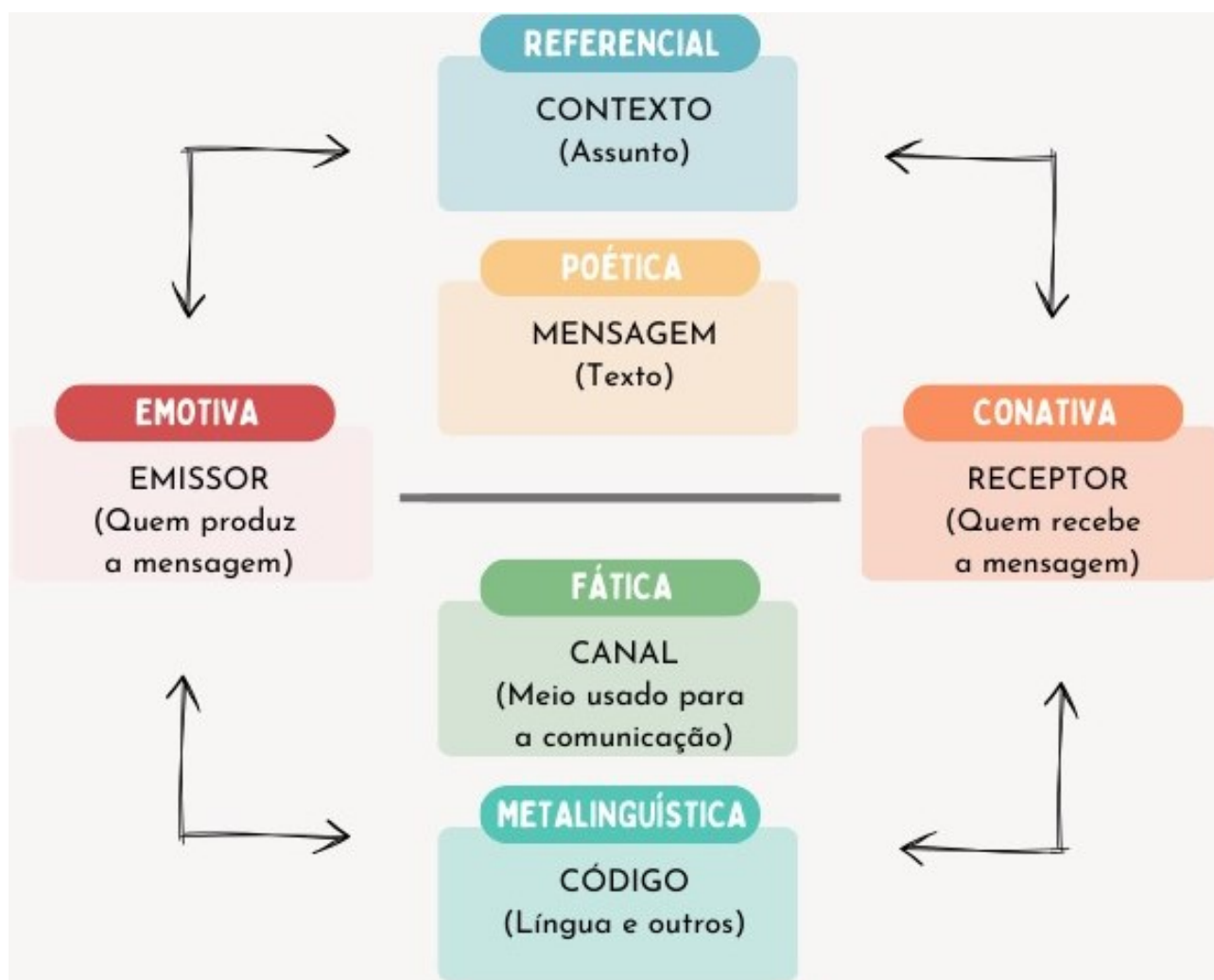
Para haver comunicação, todos os elementos devem estar presentes. É preciso que haja a transmissão de uma mensagem por parte de um emissor e a recepção dessa mesma mensagem por parte de um receptor.

A mensagem deverá estar codificada com um código que seja do conhecimento dos interlocutores e ser transmitida num determinado contexto, por um determinado canal.

No modelo de comunicação proposto, a língua é considerada um meio de comunicação, mas ela também possui outras funções.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho.
2. Escreva o número e o título desta aula.
3. Resuma o conteúdo da aula em seu caderno, destacando quais são os seis elementos da comunicação e a relação deles com as funções da linguagem (duas tabelas).
4. Copie o modelo a seguir que nos mostra como os diferentes elementos da comunicação se relacionam com as funções da linguagem, e explique-o.





AULA 47

VERIFICAÇÃO DE LEITURA E DE MEMORIZAÇÃO

Objetivos: *verificar a memorização mensal sugerida (segundo os critérios de entonação, ritmo, altura da voz da tabela de avaliação de leitura) e propor a avaliação de leitura de um texto novo (analisando a correta pronúncia das palavras, o ritmo de leitura e a entonação da voz).*

Educador: faça a aferição de leitura analisando os seguintes critérios:

- Entendimento do texto a partir da leitura.
- Clareza, dicção (pronúncia correta e articulada das palavras).
- Pontuação, entonação, ritmo da leitura.
- Intensidade/ altura da voz.
- Velocidade da leitura.

Caso seja possível, **registre as leituras e declamações por meio de gravações**, para que possa acompanhar o desenvolvimento do educando ao longo dos volumes.

APRESENTAÇÃO DA MEMORIZAÇÃO MENSAL

Neste momento, irá apresentar ao educador o fruto de sua memorização.

Fique em pé, na postura ereta, com os pés apoiados, e declame o poema aos demais. Se for possível, apresente também aos seus familiares e amigos.

O TREM DE FERRO

O poeta do sertão (Catulo da Paixão Cearense)

Num trem,
Em grande disparada,
Pai e filho corriam,
E ambos que viam?

– As montanhas, os montes,
os horizontes,
o matagal cerrado,
os penedos,
os rochedos,
os arvoredos...
tudo a correr com a rapidez do vento
tresloucado!

E o trem, que era em verdade o que corria,
parecia
estar parado!

A criança. O petiz, cheio de espanto,
lhe perguntou: – “Papai!
Por que é que tudo ao longe está correndo tanto,
e o trem daqui não sai!?”
Os passageiros riam,
pois sabiam
que o petiz se enganava!
O trem, que parecia
estar imóvel,
era, de fato, o que corria
e voava.

Dos passageiros todos, um somente



nem de leve sorriu.

E então os passageiros riam dele,
porque ele não ri!

E o poeta (era um poeta...) disse então:

“É natural, senhores,
a ilusão
do petiz iludido:

Muitas vezes, a nós a mesma coisa
já tem acontecido.

E vós, ó meus senhores,
– os cientistas, os sábios, os doutores,
caís no mesmo engano lisonjeiro;

Pois, afinal, todos nós nos enganamos,
quando, todos os dias, exclamamos:
– “Como é que o tempo passa tão ligeiro!”
E nós é que passamos!”

LEITURA DE TEXTO INÉDITO PARA VERIFICAÇÃO

Com atenção, repita a leitura mais duas vezes, uma silenciosamente e a outra em voz alta, com atenção aos sinais de pontuação.

PREGAÇÃO SUBLIMINAL

Gustavo Corção

A linguística nos ensina que há uma grande diferença entre a língua escrita e adstrita ao texto, isto é, às palavras, e a língua falada que, além de conter nuclearmente o mesmo texto, contém por acréscimo, em torno dele, todo um rico envoltório de sinais comunicativos de várias naturezas: o gesto, a entonação, o ritmo, a modulação da voz, a expressão do rosto, das mãos e do corpo inteiro que é mais rica do que o simples gesto. Todos esses sinais formam o que o linguista chama *contexto*. Seria melhor chamar ao conjunto “língua integral”, e a essa parte não traduzida em termos, “língua subliminal”.

Quem se aventura na arte de tentar escrever o que sente e o que pensa, sabe que tem de se ater aos sinais escritos, que dizem os nomes das coisas, os verbos que exprimem ações e paixões, os adjetivos que colorem os nomes, e os advérbios que rendilham as cores

além de colorir os verbos; mas os que entraram mais fundo nos segredos de tão esquiua arte sabem que há finos recursos, no ritmo, na escolha da construção verbal, na felicidade de uma inversão ou de um anacoluto, numa elipse ou numa redundância, que conseguem deixar num texto toda a energia efetiva e comunicativa de um contexto subliminal.

Mas, no uso comum da palavra, cabe à parte subliminal a função mais ativa e penetrante, e principalmente toda a adjetivação afetiva que varia em matizes infinitos o sentido da mesma palavra. Todos certamente conhecem a anedota do “mande mais dinheiro” que somente pela variação da entonação pode cobrir todo o espectro da afetividade humana.

A língua subliminal, embora mais obscura, porque não há dicionários para franzires de boca ou para as porções do dedo mindinho, é frequentemente mais penetrante porque mexe nas raízes das emoções enterradas. O segredo de certos magnetismos pessoais reside todo nessa eloquência escondida e tornada confidencial para cada alma dentro de um auditório.

* * *

Feito esse exórdio em que o texto se alongou talvez demais, pode-se aplicá-lo ao nosso grande, apaixonante, obsessivo problema: o dos sofrimentos da Igreja em nossos dias. Todos nós sabemos, uns para alegrarem-se e outros para chorarem, que houve uma “dessacralização”, uma “secularização”, uma “atualização”, uma febre de reformas, de mudanças, de mutações, de modificações que chamam de progresso. Houve uma horizontalização, uma redução do sobrenatural ao natural, e do natural-humano ao natural-infra-humano. As aberrações de doutrina e de costumes se multiplicam. As casas religiosas se transformam em grêmios ou em quartéis de terroristas, assassinos e ladrões — tudo isto, no dizer deles, para a construção de um mundo melhor!

Dentro dessa crise medonha e de imprevisíveis consequências, há uma parte do clero e do laicato que aceitou todas as aberrações passando até a defendê-las e a difundi-las. Outra parte, talvez maior, não chegou à apostasia delirante, mas também não se prendeu à verdadeira doutrina e à verdadeira Igreja. Passa de uma para outra como se nada tivesse acontecido.

No clero há ainda muitos padres que se atêm à Doutrina, que sofrem com o descalabro, mas que insensivelmente deixaram-se levar pela atmosfera de dessacralização e secularização (...)

Hoje, pelo “contexto”, a pregação subliminal é generalizada, banalizada, vulgarizada a pregação protestante; e é enfraquecida dia a dia, na mente dos fiéis, a pregação católica da Presença Real de Nosso Senhor na Santa Hóstia. Todas essas maiúsculas caíram. O

tom de voz, a naturalidade com que os padres usam as mãos que já consagraram as sagradas espécies, tudo é natural, monótono, mais lembrando a leitura da ata da última reunião presidida pelo presbítero, do que a representação do Sacrifício da Cruz. Se ali naquela sala houvesse um morto, vítima de infarto accidental, haveria certamente mais respeito do que se observa diante daquele insistente morto, que morre por nós quando duas mãos ungidas separam o Corpo e o Sangue. Cremos não exagerar se dissermos que a quase totalidade da pregação subliminal de todos os católicos é protestante.

A pregação subliminal é praticada de mil modos. Ela está na roupa do padre que se torna assim alheio à Santa Visibilidade da Igreja, e se inculca como-um-homem-qualquer e não como um apartado. Está nos gestos, nas palavras ditas e nas não ditas, está no tom, nos modos desembaraçados daquela contenção que todos, TODOS, os grandes espirituais aconselharam como regras de imitação de Cristo. A pregação subliminal diz que não há mistério, que não há um Cristo realmente crucificado por nós em cada Missa, que não há diferença entre Missa e encontro de dois ou dez de várias religiões. Mesmo sem apregoarem a feira religiosa, todas as cerimônias poderiam ser ecumênicas. E os convites para formaturas e outras solenidades — tudo converge para a negação da Igreja de Cristo. Sim, porque se Ela não é a única verdadeira, então nenhuma é verdadeira nem portadora de fragmentos de verdade em sanduíches de mentira.

Podem os senhores padres terem a consciência tranquila em relação ao programa moderno de agradar à ONU, à Maçonaria, a todos os heréticos e separados. Já fizeram tudo o que lhes disseram que fizessem para agradar aos homens, para agradar ao mundo. Podem agora voltar a Deus, pregar a palavra de Deus não somente pelas palavras, mas de toda a alma, de todo o coração e todo o sentimento. Essa pregação assim espargida será uma bênção para as almas que têm sede de Deus.

(Revista Permanência, no. 67, maio de 1974. Editorial)



AULA 49

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL E SOCIAL



o volume anterior, aprendemos importantes considerações a respeito da linguagem e suas funções. Aprendemos também os elementos que envolve a situação comunicativa e de que modo estes assuntos estão interligados. Neste volume, iniciaremos fazendo algumas considerações sobre como podem se dar as variações da Língua Portuguesa e, nos próximos aprenderemos um novo tipo textual.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL

A variação linguística regional, ou geográfica, refere-se às diferenças na linguagem que ocorrem em diferentes regiões de um país. Essas diferenças podem envolver vocabulário, pronúncia, e até mesmo construções gramaticais.

Características

Vocabulário diferente: palavras e expressões que são específicas de uma região.

Pronúncia: diferenças na maneira como as palavras são pronunciadas.

Gramática e Sintaxe: variações na estrutura das frases.

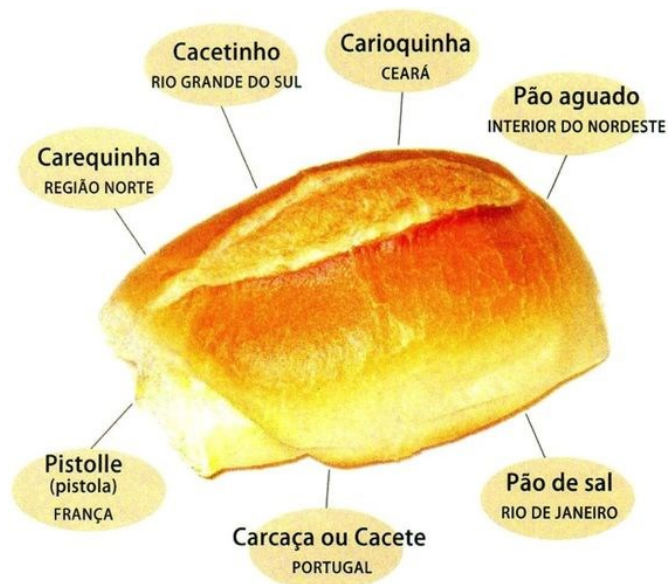
Exemplos:

Vocabulário:

“Mandioquinha” (São Paulo) vs.
“Batata-baroa” (Rio de Janeiro)

“Pão francês” (São Paulo) vs.
“Cacetinho” (Rio Grande do Sul)

Pronúncia: O “s” com som de “x”
no final das palavras no Rio de Janeiro
(“mesmo” como “meixmo”).



Gramática: Uso do "tu" com conjugação de "você" em certas regiões do Brasil ("Tu vai" em vez de "Tu vais").

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SOCIAL

A variação linguística social refere-se às diferenças na linguagem que ocorrem entre diferentes grupos sociais. Essas diferenças podem ser influenciadas por fatores como idade, gênero, nível educacional e classe social.

Características:

Gírias e Jargões: palavras e expressões usadas por grupos específicos.

Nível de Formalidade: uso de linguagem mais formal ou informal dependendo do contexto social.

Registro Linguístico: variação entre a língua culta e a língua popular.

Exemplos:

Gírias: "Mano" (usado entre jovens de certos grupos sociais) vs. "Senhor" (usado em contextos mais formais).

Nível de Formalidade: "Você está indo para onde?" (informal) vs. "Para onde o senhor está indo?" (formal).

Registro Linguístico: "Ele não tem dinheiro." (popular) vs. "Ele não possui recursos financeiros." (culto).

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA HISTÓRICA

A variação linguística histórica refere-se às mudanças na linguagem ao longo do tempo. A língua evolui e se transforma, incorporando novas palavras e deixando de usar outras, além de mudanças na gramática e pronúncia.

Características:

Evolução do Vocabulário: palavras novas surgem enquanto outras caem em desuso.

Mudanças Gramaticais: alterações nas regras e estruturas gramaticais ao longo do tempo.

Pronúncia: mudanças na forma como as palavras são pronunciadas.

Exemplos:

Português Arcaico e Português Moderno: "Vós" (arcaico) vs. "Vocês" (moderno).

Palavras Antigas: "D'outro" (antigo) vs. "De outro" (moderno).

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ESTILÍSTICA (OU SITUACIONAL)

A variação linguística estilística refere-se às diferenças no uso da língua dependendo do contexto e da intenção do falante. Isso pode incluir o uso de linguagem mais formal ou informal, coloquial ou técnica, dependendo da situação.

Características:

Estilo Formal vs. Informal: Escolha de palavras e construções frasais dependendo do contexto.

Técnica vs. Coloquial: Uso de termos técnicos ou jargões específicos de uma área de conhecimento.

Criatividade Linguística: Uso de figuras de linguagem, metáforas e outros recursos estilísticos.

Exemplos:

Contexto Formal: "Solicito a vossa atenção para a seguinte questão."

Contexto Informal: "Ei, presta atenção nisso aqui."

Técnica: "O paciente apresenta um quadro de hipertensão arterial."

Coloquial: "O paciente está com pressão alta."

Observe um exemplo onde a variação situacional não é bem empregada:



A IMPORTÂNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística pode refletir a riqueza (ou a pobreza) cultural de uma sociedade.

É importante respeitar as pessoas, principalmente as mais humildes. Nesse aspecto estão contidas as diferentes formas de falar (o que não significa que devemos falar de “qualquer jeito” ou com muitas gírias). Devemos ter cuidado para não cair numa espécie de “preconceito linguístico”.

A maneira como falamos faz parte da nossa identidade e história, funda-se no respeito mútuo e principalmente na virtude.

CONCLUSÃO

A Língua Portuguesa é viva e diversa, refletindo a riqueza cultural e social de um povo. Compreender e respeitar as variações linguísticas regionais e sociais é fundamental para compreendermos a identidade e variedade de cada grupo. Reconhecer essas variações, no entanto, não significa relativizarmos a existência de uma norma padrão, culta, mas considerarmos que há um meio mais adequado de nos referirmos e manifestarmos nos diferentes meios e convívios sociais.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho e escreva o número e o título desta aula.
2. Resuma em seu caderno os tipos de variações estudados.
3. Explique como a variação linguística regional pode influenciar a comunicação entre pessoas de diferentes regiões do Brasil. Dê exemplos de diferenças regionais e discuta possíveis soluções para esses desafios.
4. Descreva a importância de respeitar as variações linguísticas sociais no contexto educacional.
5. Analise a relação entre variação linguística e identidade cultural. Como a maneira de falar de um grupo pode refletir sua história e cultura?
6. Reconhecer e respeitar a variação é o mesmo que relativizarmos o que é certo e errado? Justifique.



AULA 53

O TIPO TEXTUAL CRÔNICA



ando continuidade aos estudos de análise e produção textuais, o tipo de texto que aprenderemos neste volume se relaciona diretamente ao que temos estudado, uma vez que faz uma ponte entre a realidade, as variações e situações cotidianas e a escrita e registro formalizados em um texto. Conheçamos, então, a crônica.

A CRÔNICA

Do latim, a palavra “crônica” (*chronica*) refere-se a um **registro de eventos marcados pelo tempo** (cronológico). Portanto, as crônicas estão extremamente ligadas ao contexto em que são produzidas.

A **crônica** é um gênero de texto narrativo que aborda assuntos relativos ao cotidiano das cidades, podendo ser entendido como um retrato verbal dos acontecimentos urbanos, geralmente de forma **leve e humorística**. Embora retrate acontecimentos do dia a dia, ela não tem a finalidade exclusiva de informar, mas também a de **provocar uma reflexão** sobre o assunto abordado.

Originalmente, a crônica limitava-se a relatos verídicos dos nobres, pois tratava-se da compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia a dia da corte, as histórias dos reis e seus atos, etc.

A partir do século XIX, entretanto, os cronistas passaram a pensá-la refletindo a vida social, a política, os costumes, o cotidiano, etc., do seu tempo, em livros, jornais e folhetins. Contemporaneamente, no jornalismo, conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística, dentre outras.

O FIM DO MUNDO



A primeira vez que ouvi falar no fim do mundo, o mundo para mim não tinha nenhum sentido, ainda; de modo que não me interessava nem o seu começo nem o seu fim. Lembro-me, porém, vagamente, de umas mulheres nervosas que choravam, meio desgrenhadas, e aludiam a um cometa que andava pelo céu, responsável pelo acontecimento que elas tanto temiam.

Nada disso se entendia comigo: o mundo era delas, o cometa era para elas: nós, crianças, existíamos apenas para brincar com as flores da goiabeira e as cores do tapete.

Mas, uma noite, levantaram-me da cama, enrolada num lençol, e, estremunhada, levaram-me à janela para me apresentarem à força ao temível cometa. Aquilo que até então não me interessava nada, que nem vencida a preguiça dos meus olhos pareceu-me, de repente, maravilhoso. Era um pavão branco, pousado no ar, por cima dos telhados? Era uma noiva, que caminhava pela noite, sozinha, ao encontro da sua festa? Gostei muito do cometa. Devia sempre haver um cometa no céu, como há lua, sol, estrelas. Por que as pessoas andavam tão apavoradas? A mim não me causava medo nenhum.

Ora, o cometa desapareceu, aqueles que choravam enxugaram os olhos, o mundo não se acabou, talvez eu tenha ficado um pouco triste - mas que importância tem a tristeza das crianças?

Passou-se muito tempo. Aprendi muitas coisas, entre as quais o suposto sentido do mundo. Não duvido de que o mundo tenha sentido. Deve ter mesmo muitos, inúmeros, pois em redor de mim as pessoas mais ilustres e sabedoras fazem cada coisa que bem se vê haver um sentido do mundo peculiar a cada um.

Dizem que o mundo termina em fevereiro próximo. Ninguém fala em cometa, e é pena, porque eu gostaria de tornar a ver um cometa, para verificar se a lembrança que conservo dessa imagem do céu é verdadeira ou inventada pelo sono dos meus olhos naquela noite já muito antiga.

O mundo vai acabar, e certamente saberemos qual era o seu verdadeiro sentido. Se valeu a pena que uns trabalhassem tanto e outros tão pouco. Porque fomos tão sinceros ou tão hipócritas, tão falsos e tão leais. Porque pensamos tanto em nós mesmos ou só nos outros. Porque fizemos voto de pobreza ou assaltamos os cofres públicos - além dos particulares. Porque mentimos tanto, com palavras tão judiciosas. Tudo isso saberemos e muito mais do que cabe enumerar numa crônica.

Se o fim do mundo for mesmo em fevereiro, convém pensarmos desde já se utilizamos este dom de viver da maneira mais digna.

Em muitos pontos da terra há pessoas, neste momento, pedindo a Deus - dono de todos os mundos - que trate com benignidade as criaturas que se preparam para encerrar a sua carreira mortal.

Enquanto isso, os planetas assumem os lugares que lhes competem, na ordem do universo, neste universo de enigmas a que estamos ligados e no qual por vezes nos arrogamos posições que não temos - insignificantes que somos, na tremenda grandiosidade total.

Ainda há uns dias a reflexão e o arrependimento: por que não os utilizaremos? Se o fim do mundo não for em fevereiro, todos teremos fim, em qualquer mês...

(Autora: *Cecília Meireles*)

REFLETINDO SOBRE A CRÔNICA

A crônica acima foi publicada em 1998. Aqui a autora descreve um acontecimento de sua infância, em que a passagem de um cometa deixou as mulheres de sua família apavoradas.

A autora, criança, ao testemunhar a passagem do cometa, não se assustou; pelo contrário, ela ficou maravilhada. Assim, esse episódio marcou a vida da escritora, que expõe suas considerações acerca da vida e do tempo.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA

Sendo um gênero narrativo, a crônica possui seus elementos, porém adaptados à sua proposta, a começar pela **estrutura mais curta**, apropriada ao meio jornalístico. Esta brevidade manifesta-se no tempo, no espaço e nas personagens da narração, sendo estes **limitados**.

Uma vez que seu tempo é bem definido e relativo ao presente, a crônica é considerada um texto de “**vida curta**”, pois com o passar do tempo sua efetividade pode ser perdida. Além do mais, por ser um texto referente a atualidades, circula, principalmente, em **jornais e revistas**.

Vale ressaltar, no entanto, que nem todas as crônicas se perdem no tempo. Há crônicas que foram escritas há 50 anos e que continuam atuais!

Como o ponto de partida da crônica é o **cotidiano**, ela pode ser entendida como a notícia a que ninguém prestou a atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira, como a fila de um banco, um passeio no parque, uma ida ao supermercado.

Os cronistas conseguem perceber, no **dia a dia**, impressões, ideias ou visões da realidade que **não são percebidas por todos**, mas que são passíveis de observação e análise. Dessa forma, o cronista busca inspiração para os seus textos nos **acontecimentos recentes** ou em **situações banais** do cotidiano e convida o leitor a olhar para o mundo como ele.

Portanto, o cronista não descreve simplesmente os fatos; ele os usa como **ponto de partida para uma reflexão** ou para o simples entretenimento do leitor, retratando o cotidiano com poesia e sensibilidade.

Quanto ao estilo, geralmente é um texto **simples, de interlocução com o leitor**, com marcas bem típicas da oralidade. Segundo Antonio Candido, o tom é de “uma conversa aparentemente banal”. Isso significa que, ao expressar-se, o estilo deve dar a impressão de **naturalidade** e ao mesmo tempo ser capaz de alcançar uma **linguagem literária**. Assim, a crônica se situa entre o jornalismo e a literatura.

Outro elemento próprio do estilo da crônica é o **humor**, que aparece por meio de **sutilezas**, em situações com que muitas vezes nos deparamos cotidianamente e a que nem prestamos atenção.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho e escreva o número e o título desta aula.
2. O que é uma crônica?
3. Que principal característica da crônica faz dela um gênero do tipo narrativo?
4. Explique o nome dado à crônica a partir de sua etimologia e definição.
5. Qual é a origem da crônica?
6. De que maneira a brevidade da crônica interfere em seus elementos narrativos?
7. Por que a crônica é considerada um texto de “vida curta”?
8. De que forma é constituída a naturalidade na expressão de um cronista?
9. Leia com atenção o texto “A outra noite”, de Rubem Braga, e responda às questões que o seguem:

A OUTRA NOITE

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui.

Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enlustradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

— O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei:

— Sim, acima da nossa noite preta e enlameada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

— Mas, que coisa...

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

— Ora, sim senhor...

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um "boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(Autor: Rubem Braga)

a) Identifique os elementos da narrativa do texto (foco narrativo, enredo, personagens, tempo e espaço) e explique sua brevidade.

b) Qual é o ponto de partida do texto? De que maneira ele se encaixa na percepção do cotidiano da crônica?

c) Identifique marcas de oralidade e outros elementos que dão ao texto a impressão de naturalidade.

d) Pensando na literariedade da crônica, identifique uma frase de sentido conotativo no texto.

e) A expressão “noite preta, enlameada e torpe”, em linguagem metafórica, conotativa, serve para fazer referência a uma:

- noite sem luar e chuvosa;
- noite clara e brilhante;
- noite chuvosa e fria;
- noite bela e calma.



AULA 58

O ENSAIO LITERÁRIO



Como visto, o ensaio é uma prosa que discorre sobre um tema específico, seja ele científico, histórico, filosófico ou de teoria literária, etc., sem esgotá-lo, reunindo argumentos menores, menos definitivos que outros textos, como a dissertação. E é este o objetivo deste volume.

Nesta aula, o estudo será direcionado para o ensaio literário, ou seja, o ensaio que trata da teoria literária.

DEFINIÇÃO

O ensaio literário está associado à criação de um **texto reflexivo cuja intenção é apresentar um ponto de vista e um raciocínio acerca de determinado tema relacionado à Literatura**, seja ele um estilo literário, um escritor ou escritora, ou uma obra específica.

Assim, o ensaio literário, por meio da defesa de uma perspectiva sobre um estilo literário ou uma reflexão sobre as características de um conjunto de obras, tem como objetivo expandir o conhecimento.

TIPOS DE ENSAIOS LITERÁRIOS

Os ensaios sobre Literatura têm como característica apresentar uma visão pessoal sobre diferentes objetos de estudo, como podemos observar nos itens abaixo:

- **Gênero literário:** são analisadas obras dentro de determinado gênero, como, por exemplo, livros de romance histórico, de ficção científica ou de literatura infanto-juvenil.
- **Período literário:** estudam-se os diferentes períodos, como o Romantismo, o Parnasianismo ou o Realismo.
- **Autores:** são estudadas as características de um autor específico dentro de um contexto histórico ou literário.

- **Título:** reflete-se sobre um texto específico, como, por exemplo, os ensaios sobre *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien.

Exemplo:

O ENSAIO LITERÁRIO

(do Latim exegiu [m] = ação de pensar)

Em Francês *essai*, Italiano *saggio*, Inglês *essay*, Espanhol *ensayo*.

Ensaio designa um gênero literário de difícil caracterização. Torna-se praticamente impossível estabelecer com rigorosa precisão os limites do ensaio. *“Daí que os estudiosos do assunto tendem a reunir sob idêntica denominação obras contrastantes, enquanto certos autores empregam abusivamente a palavra ensaio no título de livros.”* (Massaud Moisés, *A Criação Literária*)

De modo geral, o ensaio é uma composição, geralmente em prosa, de pequena extensão, que discute, descreve e analisa um tema, sobre um assunto qualquer, sem se basear em formalidades externas como documentos e provas de caráter científico. Em razão disso, dizer-se que o ensaio é o *auto exercício da razão* que por isso mesmo repele toda e qualquer influência externa. Seja qual for o tema, o objetivo é a avaliação do seu próprio julgamento, o aprofundamento das suas inclinações. Por isso, o ensaísta não deve concordar com pontos de vista de outras pessoas acerca de seu trabalho². If your ideas are original or different, so long as you develop them clearly, use evidence intelligently and argue persuasively, your point of view will be respected. Se as suas ideias são originais ou diferentes, desde que você as desenvolva claramente, utilizando uma argumentação inteligente e persuasível, o seu ponto de vista será respeitado. Porém um texto mal encadeado do ponto de vista lógico não só revela fragilidade no raciocínio exposto ou no modo de tratá-lo, como ainda frustra o leitor.

Há duas correntes distintas no gênero ensaístico: o ensaio familiar ou informal e o formal ou discursivo. O primeiro adota um tom leve, impressionista, e procura exprimir uma reação pessoal e íntima diante da realidade, sem estrutura clara ou preestabelecida. Já o segundo é peça longa, concludente, escrita em linguagem austera, de intenção lógico-discursiva e de especulação nitidamente intelectualista. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA)

E, conforme o assunto em pauta, literário, filosófico, antropológico, sociólogo, etc. Não devemos confundir o ensaio com o tratado, que é uma obra que expõe de forma didática um ou vários assuntos a respeito de uma ciência, arte, etc.

² É importante ter em conta que o ensaio é um gênero de texto que expressa opinião, porém devemos nos atentar à importância do exercício da razão enquanto meio de chegar a verdade.

De início, o ensaio era uma breve divagação acerca de pessoas, fatos, paisagens e estados de alma; pode-se dizer que desde a Antiguidade era praticado, ainda que sem a denominação porque veio a ser conhecido. Assim, a Poética, de Aristóteles, os Diálogos, de Platão, os escritos de Sêneca, Plutarco e outros, têm sido alinhados como ensaios. Entretanto, é dos Ensaaios (Essais 1580) de Michel de Montaigne, escritor francês do final do século XVI, que deriva a conceituação moderna da matéria e o modelo seguido desde então, com algumas mudanças impostas pela natural evolução da atividade literária.

Em suma, o ensaio é uma atitude ginástica do intelecto que pensa por si só e por si próprio.

SÉRGIO, Ricardo. *O ensaio literário*. In: **Recando das letras**. [S. l.], 14 ago. 2006. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/216024>. Acesso em: 4 jul. 2022.

COMO FAZER UM ENSAIO LITERÁRIO

Escrever um bom ensaio requer dedicação, estudo e formação de opinião por parte do ensaísta. Além disso, podem-se enumerar alguns pontos que podem ajudá-lo no momento da produção:

ESCOLHA E DEFINA O TEMA

Para começar a fazer um ensaio, o tema deve estar bem definido. Ele é o assunto sobre o qual o autor dissertará.

Dependendo do caso, o tema do ensaio pode ser indicado por outra pessoa que o autor, mas, se o tema estiver à escolha, é recomendável optar por algo sobre o qual já tenha opinião formada, ou pelo menos algum interesse.

PESQUISE E BUSQUE ARGUMENTOS

Pesquise sobre o tema e recolha dados em jornais, livros, revistas e *sites* confiáveis, caso necessário. Sendo um texto opinativo, é importante sustentar o ponto de vista baseado em argumentos, mas, no caso do ensaio, a pura teoria e as ligações lógicas podem ser suficientes.

RECORTE O TEMA

Imagine que seja solicitado um ensaio a respeito de um tema muito abrangente: literatura brasileira. É possível dizer muitas coisas sobre a literatura brasileira, sua origem, sua história, alguns movimentos, suas principais obras, etc.

Assim, é necessário fazer um “recorte” para centrar-se somente em alguns aspectos do tema. Isso facilita a escrita do texto, evitando que o autor e o leitor se percam entre muitas informações.

Além do mais, é importante que o ensaio seja criativo. Caso haja trabalhos semelhantes, pense em outras formas de analisar o mesmo fenômeno, contribuindo de forma mais expressiva para o debate.

SELECIONE O MATERIAL

Definido o “recorte”, a seleção do material que será utilizado fica simplificada. É importante ressaltar que a seleção feita deve conter dados atualizados sobre o tema.

FAÇA UM ESBOÇO DO TEXTO

Antes de começar a escrever, pense em como contextualizará o leitor sobre o tema e que argumentos e contra-argumentos apresentará para convencê-lo de seu ponto de vista.

Organize tais ideias e faça um esboço da estrutura do texto.

PRODUÇÃO DE TEXTO

De acordo com a estrutura e as principais características do texto de opinião já conhecidas, produza o ensaio. A coesão e a coerência são dois fatores fundamentais na construção de um texto inteligível.

Na introdução, apresente o tema e diga por que é importante refletir sobre ele. No desenvolvimento, assuma a sua posição expondo os argumentos, e contra-argumentando, se necessário. Na conclusão, resuma as suas ideias e deixe claro qual é a sua posição com uma reflexão.

REVISÃO

Faça uma revisão atenta de modo a corrigir quaisquer erros de ordem gramatical, ortográfica ou sintática. A existência de algum equívoco pode levar à impressão de que o trabalho não é de qualidade.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. O que define um ensaio literário? Qual é seu objetivo?
2. Quais são os tipos de ensaios literários? Do que eles tratam? Qual é o tipo do ensaio *O ensaio literário*?
3. A partir dos estudos deste volume, faça a análise das principais características, estrutura, elementos e posicionamento de *O ensaio literário*.



AULA 61

ESTRUTURA E CLASSIFICAÇÃO DO TEATRO



Como visto na aula anterior, o teatro, enquanto texto escrito, é um gênero literário em que os diálogos são os que melhor imitam as situações reais. As personagens conversam entre si para dar ao espectador a sensação de estar dentro da cena, além de dar progressão às ações, pois não há narrador neste gênero de texto literário.

Nesta aula, estudaremos a estrutura, a classificação e os personagens no teatro.

ESTRUTURA

Como visto anteriormente, o texto teatral é constituído por dois textos: o principal – que apresenta as falas das personagens (monólogos, diálogos, etc.), de forma a dar andamento à trama – e o secundário – que inclui, no texto principal, indicações do autor a respeito do cenário, do figurino, entre outras rubricas que dizem respeito a movimentos e modos de falar.

TEXTO PRINCIPAL

O texto principal é aquele que contém as falas das personagens, ou seja, o encaminhamento da trama. Isso, somado ao caráter narrativo do gênero, faz com que a estrutura deste texto siga, majoritariamente, a ordem linear narrativa já conhecida:

- **Apresentação:** atenção na apresentação das personagens, espaço, tempo e tema.
- **Complicação** (ou conflito): determina as peripécias da peça teatral.
- **Clímax:** momento de maior tensão do drama.
- **Desfecho:** desenlace da ação dramática.

TEXTO SECUNDÁRIO

O texto secundário é aquele que inclui, no texto principal, indicações do autor a respeito do cenário, do figurino, entre outras rubricas que dizem respeito a movimentos e modos de falar.

Dessa forma, seu objetivo é situar tanto aqueles que vão representar a peça quanto os leitores a respeito da maneira como a trama é desenvolvida, indicando modos de falar, movimentações de personagens, figurinos e cenários de maneira breve e objetiva.

CLASSIFICAÇÃO

O gênero de texto teatral compreende as seguintes modalidades:

- **Tragédia:** representação de um fato trágico, suscetível de provocar compaixão e terror. Aristóteles afirmava que a tragédia era “uma representação de uma ação grave, de alguma extensão, e completa, em linguagem figurada, com atores agindo, não narrando, inspirando compaixão e terror”.

Além disso, o filósofo afirma que “a tragédia é a imitação de uma ação nobre levada até o final”, ou seja, trata-se de uma ação completa (possui, portanto, unidade), e o desenlace do conflito se dá com a total destruição, via de regra, com a morte.

- **Comédia:** representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes.
- **Tragicomédia:** modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.

A CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS

Como visto, a personagem desempenha a função essencial de dar a acontecer e conhecer as ações da trama. Isto, somado à ausência do narrador no texto teatral, permite que haja **três vias para caracterizar a personagem** de teatro: o que a personagem **revela sobre si mesma**, o que a personagem **faz** e o que as outras personagens **dizem a seu respeito**.

O QUE A PERSONAGEM REVELA SOBRE SI MESMA

Como visto anteriormente, em consequência da ausência do narrador, as personagens desempenham a função de fazer com que as ações aconteçam e se deem a conhecer para os espectadores a partir das falas.

O mesmo fenômeno acontece em suas caracterizações, uma vez que não há como o espectador ter acesso à sua consciência por meio do narrador onisciente, como acontece nos romances; a personagem se revela através de suas falas.

Isto pode acontecer em quatro circunstâncias:

CONFIDENTE

Nesta condição a personagem confessa seu interior – pensamentos, intenções, emoções, segredos, planos – a um amigo confidente. Esta situação é mais comum entre o herói da trama e seu amigo mais próximo.

APARTE

Nesta condição a personagem confessa seu interior aos espectadores, fazendo deles seu confidente. Isto se dá de maneira breve e funciona como um escape da personagem, que é ouvida por acaso pelo público, de maneira não organizada.

É importante notar que aqui a personagem nunca mente, pois está confabulando consigo mesma.

SOLILÓQUIO

No solilóquio a personagem conversa consigo mesma em voz alta, revelando o que se passa em sua consciência.

MONÓLOGO

No monólogo interior a personagem previne o público quanto ao andamento presente ou futuro da ação, não o deixando equivocar-se com referência ao sentido real da cena.

Este discurso é organizado e destinado a ser apreendido pela plateia, uma vez que esta é o interlocutor da personagem.

O QUE A PERSONAGEM FAZ

Uma vez que o teatro não apresenta um narrador, a ação é o meio mais poderoso e constante do teatro, ação essa que se manifesta pelas falas das personagens.

Assim, é preciso que as ações das personagens demonstrem o que há dentro delas, seja pelo timbre de voz, pela maneira de andar e olhar, pela expressão corporal – elementos expressos pelo texto secundário.

Dessa forma, o espetáculo depende do acabamento do texto para que os atores possam bem interpretar suas personagens e os leitores possam compreendê-las.

O QUE AS OUTRAS PERSONAGENS DIZEM

Mais uma vez, em função da ausência de narrador, é imprescindível que as personagens expressem pareceres umas sobre as outras, de forma a apresentarem um grau de consciência que em gêneros narrativos diversos elas não teriam ou não precisariam ter.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Explique o que é o texto principal e o texto secundário no gênero teatral.
2. Em que estes dois textos diferem? Em que se complementam?
3. Como se dá a ordem do texto principal? Por quê?
4. Como e qual a função das personagens em uma peça teatral?
5. De que modo as personagens se expressam e revelam a significação do teatro?
6. Identifique no excerto de peça a seguir, o texto principal e o texto secundário, apontando a que as rubricas dizem respeito:

A AURORA DO ORATÓRIO

Rezende (Trad. do italiano)

CENA I

Passa-se numa sala contígua à sacristia da igreja de S. Francisco de Assis.

Personagens:

Sacristão

Bartolomeu

Chiquinho

Zezé

Júlio

Aldo

Entra um velho meio ranzinza:

Moleque! Deu que fazer para obrigá-lo a voltar. Corria como um veado! E eu que estou velho, com o meu reumatismo, ter que correr-lhe atrás a prometer-lhe mundos e fundos para que voltasse... E ainda por cima hoje, festa da Imaculada, com todo o serviço que tenho que fazer na igreja!... E tudo isto por causa daquele Padre Bosco, que tomou o gostinho de proteger a todos os vagabundos que encontra! Isso, ele que o faça em Porta Palácio ou no Rondó, onde se encontram meninos que nem mosquitos no verão, mas não aqui, na sacristia de S. Francisco de Assis! Aqui quem manda sou eu. Se pego um moleque

que tome a liberdade de entrar só por curiosidade, um ignorante que não saiba ajudar à Missa, parece-me que tenho todo o direito de tocá-lo para fora sem tantas cerimônias. É, sim senhor! Vejam o que me aconteceu:

Nunca o tivesse feito! Foi só ouvir e ver o que eu fazia, que Dom Bosco não terminava mais: — Não é assim que se trata aos meninos! Que culpa tem o coitadinho de não saber ajudar à Missa?

E assim por diante! Mais ainda: Disse que se eu não o fizesse voltar, iria contar ao pároco!... E D. Bosco não costuma fazer brincadeiras!... Por isso tive que correr toda a Rua Garibaldi atrás daquele traquinas; por sorte pude conseguir que voltasse, se não... pobre de mim!

Vamos ver o que fará D. Bosco. Ah! ah! certamente que se há de cansar logo com esses diabretes. Como os tempos estão mudados! Quando eu era menino... Ah! que tempo, que temporal!... Não há mais religião...

CENA II

BART. — *(Entra cauteloso da direita. Mas vê o sacristão, escapa pelo outro lado.)*

SACRIS. — Alto lá. Para aí, seu malcriado! *(Desanimado)* Parece incrível! Os moços hoje não têm mais confiança nos velhos... Que tempos! *(Sai resmungando)* Quando eu era menino...”

7. Identifique a modalidade do excerto lido anteriormente e justifique sua resposta.



AULA 66

O ESTATUTO E O REGULAMENTO



statuto é um gênero de texto composto por um **conjunto de regras ou leis que organizam o funcionamento de um grupo**, seja ele uma instituição pública ou privada. Dessa forma, o estatuto é responsável por disciplinar os direitos e os deveres de uma sociedade, de modo que suas partes convivam de forma harmônica

Por ser um gênero de texto que dita um conjunto de regras, o estatuto antes de tudo **designa a natureza de seu grupo**, ou seja, uma empresa, uma organização religiosa, uma associação, etc.

TIPOS DE ESTATUTOS

ESTATUTO SOCIAL

Estatuto social é aquele que rege sociedades sem fins lucrativos, como clubes, associações, organizações religiosas e cooperativas.

ESTATUTO LEGISLATIVO

Estatuto legislativo é aquele que descreve leis criadas e aprovadas pelo Poder Legislativo e sancionadas pelo Poder Executivo, como o Estatuto dos Militares, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estatuto da Advocacia e da Ordem dos Advogados do Brasil, etc.

ESTATUTO DE REVISTA

O estatuto da revista, como de qualquer outro de seu gênero, tem como função nortear as normas de seu grupo, de forma que seus elementos e estruturas não fujam ao que já foi estudado, apenas se adequem à necessidade específica do ramo editorial.

É comum que os estatutos de revistas sejam encontrados *on-line*, no *site* oficial da revista, ou até no primeiro número da coleção. Este documento, além de apresentar seus objetivos e finalidades, também pode discorrer sobre seu histórico, a formação da equipe e o processo de avaliação para escolha de textos publicados, como se mostrará a seguir.

- Disposições gerais
- Objetivos
- Foco e escopo
- Equipe editorial
- Processo de avaliação

ATIVIDADES PARA SEREM FEITAS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho, escreva o número e o título desta aula.

2. Elaborando a apresentação:

Para apresentar você deverá revisar o tipo textual abordado e resumir em tópicos o que irá apresentar.

Poderá utilizar o computador (fazendo uma apresentação em power-point) ou poderá escrever em folhas de papel sulfite ou cartaz.

Prepare os tópicos para apresentar, resuma o que aprendeu, ensine aos ouvintes qual tipo textual aprendeu, as características e aspectos importantes que devem ser lembrados.

3. Preparando o seu texto:

Para a apresentação de produção textual você deverá elaborar um pequeno estatuto para a sua casa (para você e seus irmãos viverem, se tiver, ou apenas para você) exemplificando o tipo textual aprendido.

Por ser poético, é interessante que contenha ao menos algumas rimas, para exemplificar os tipos de rimas aprendidas.

4. A apresentação:

Educador: se diante do contexto for escolhido um dia para a apresentação de todos os tipos textuais, será necessário mais do que uma aula para este fim. De qualquer forma, o aluno deve preparar e deixar tudo pronto e esquematizado para a apresentação final.

Ensinar o que você aprendeu é o meio mais eficaz de memorizar e guardar aquilo que de fato aprendeu. Por isso, esta unidade busca ressaltar este aspecto de apresentações por meio do ensino. Dificilmente um aluno esquece o que ensinou, mas facilmente

esquece se “estuda apenas para a prova”. Neste momento, será a sua vez de ser o educador, de organizar o conteúdo e de apresentar, com clareza, coerência e em boa voz, tudo o que preparou.

DICAS PARA A APRESENTAÇÃO ORAL

- Antes de iniciar **apresente-se**.
- **Memorize** o máximo que conseguir.
- Fale de modo calmo, mas em **alta voz**, para que todos o escutem.
- Apresente uma **boa postura**.
- Por tratar-se de **regulamento**, é importante fazer a leitura do texto com calma, para que o ouvinte compreenda, conforme for exemplificar e explicar o conteúdo.





AULA 70

OS ENSAIOS E O TEATRO



Assim como muitas palavras da Língua Portuguesa, o termo “ensaio” pode ser utilizado para definir diversas realidades.

No âmbito da produção de filmes, programas de rádio e de TV, o ensaio é a última passagem de texto e de marcação de posições que antecede a tomada definitiva ou a transmissão de cena.

Na Música, no Teatro ou no Circo, esta palavra denota a montagem experimental, geralmente a portas fechadas, do espetáculo.

Enquanto gênero de texto, ensaio é uma prosa que discorre sobre um tema específico, seja ele científico, histórico, filosófico ou de teoria literária, etc., sem esgotá-lo, reunindo argumentos menores, menos definitivos que outros textos, como a dissertação.

O ensaio é um gênero de texto expositivo–argumentativo, uma vez que se caracteriza pela síntese e tratamento crítico dado a determinado assunto, tendo como foco as impressões e reflexões do autor do texto.

Por ser um texto de caráter analítico, reúne, predominantemente, pontos de análise, sem esgotamento das questões apresentadas e de modo pessoal e subjetivo. Ou seja, não se trata de uma nova descoberta, de uma contribuição científica ou de um ineditismo das constatações, mas sim de uma colaboração em termos de reflexões e críticas visando ao enriquecimento do debate entre os interessados.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Além daquilo que já foi mencionado, vale ressaltar mais algumas características do ensaio:

Sendo um texto de viés argumentativo, este gênero de produção é baseado em teorias, sejam elas próprias do autor, ou de outros autores, a fim de fortalecer a defesa de sua perspectiva, dispensando o rigor científico de apresentar provas concretas ou deduções científicas.

Assim, o ensaio consiste na exposição das ideias e pontos de vista do autor sobre determinado tema, buscando originalidade no enfoque, no modo de expressar, sem explorar o tema de forma exaustiva. Por seu caráter mais subjetivo, o ensaio pode apresentar uma linguagem mais despretensiosa, simples, que por vezes beira a linguagem poética e literária.

Os temas discutidos são os mais variados: políticos, filosóficos, costumes sociais, hábitos culturais, morais, éticos, literários, entre outros. Além do mais, o ensaio deve estar bem escrito, conforme a gramática, a coesão e a coerência, sendo bem argumentado e repleto de originalidade.

Em suma, o ensaio se fundamenta numa estruturação lógica e numa defesa do ponto de vista de seu autor, com bom domínio da retórica e da persuasão.

A ESTRUTURA DO ENSAIO

Por seu caráter subjetivo e um tanto quando espontâneo, geralmente os ensaios não seguem uma estrutura fixa, o que propicia a originalidade e a expressão individual, características próprias do gênero.

No entanto, ele deve ter clareza de ideias e ainda seguir as normas–padrão da língua. Para garantir tais elementos, é proposta uma estrutura básica para elaboração do ensaio:

- **Antes do texto – definição do tema:** diferentemente do título, o tema é o assunto que será explorado e problematizado pelo ensaísta. É importante ter o tema e o recorte bem definidos para que o texto seja claro e as informações não se percam.
- **Título:** normalmente os ensaios possuem um título, o qual está relacionado com o tema que será abordado.
- **Introdução:** apresentação do tema, justificativa da escolha, o que será argumentado, e como isso será feito.
- **Corpo de texto:** parte da análise e desenvolvimento do texto. As pesquisas são apresentadas, assim como diversas perspectivas e reflexões sobre o tema, razão por que a principal ferramenta são os argumentos.
- **Conclusão:** apresentação dos resultados da sua análise, a conclusão. Cabe também um comentário pessoal sobre o tema, e indicação a que áreas o texto pode interessar.
- **Bibliografia:** indicação, em ordem alfabética, dos livros, dos artigos, das revistas, etc. consultados

O ENSAIO LITERÁRIO

O ensaio literário está associado à criação de um texto reflexivo cuja intenção é apresentar um ponto de vista e um raciocínio acerca de determinado tema relacionado à Literatura, seja ele um estilo literário, um escritor ou escritora, ou uma obra específica.

Assim, o ensaio literário, por meio da defesa de uma perspectiva sobre um estilo literário ou uma reflexão sobre as características de um conjunto de obras, tem como objetivo expandir o conhecimento.

TIPOS DE ENSAIOS LITERÁRIOS

Os ensaios **sobre Literatura** têm como característica apresentar uma visão pessoal sobre diferentes objetos de estudo, como podemos observar nos itens abaixo:

- **Gênero literário:** são analisadas obras dentro de determinado gênero, como, por exemplo, livros de romance histórico, de ficção científica ou de literatura infanto-juvenil.
- **Período literário:** estudam-se os diferentes períodos, como o Romantismo, o Parnasianismo ou o Realismo
- **Autores:** são estudadas as características de um autor específico dentro de um contexto histórico ou literário.
- **Título:** reflete-se sobre um texto específico, como, por exemplo, os ensaios sobre *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien.

O TEATRO

O teatro, enquanto texto escrito, é um gênero literário em que os diálogos são os que melhor **imitam as situações reais**. Nelas as personagens conversam entre si para dar ao espectador a sensação de estar dentro da cena.

Uma vez que na peça de teatro não existe a figura do narrador, apenas os diálogos e as rubricas orientam o leitor ou o diretor sobre a montagem da cena, o figurino usado pelas personagens e a entonação da voz, por exemplo.

A maneira como as coisas são ditas permite ao leitor fazer inferências sobre as características de cada personagem e compreender os conflitos da trama.

O popular símbolo do teatro é uma alusão aos dois principais tipos que existiam na Grécia antiga, sua origem: a tragédia e a comédia. Isso porque durante um espetáculo os atores trocavam de máscaras inúmeras vezes, cada uma delas representando uma emoção ou um estado da personagem.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

As peças de teatro são produções escritas para ser **encenadas**, de modo que se distingam em seus espetáculos por sua construção cênica (**cenografia**), pelos efeitos sonoros (**sonoplastia**) e pela estruturação das falas, que podem ser **diálogos** ou monólogos.

Mas, para o texto dramático se tornar um espetáculo, ele deve primeiro ser um roteiro. Dessa forma, sua principal característica é a presença do **texto principal**, composto pelas falas das personagens, e do **texto secundário**, que inclui as indicações do autor da peça e que têm por finalidade informar os atores e o leitor sobre a dinâmica da história, bem como sobre os cenários e figurinos. Por exemplo, antes da fala de uma personagem é colocada a expressão: «com voz baixa», indicando como o texto deve ser falado.

Sendo um gênero literário **narrativo**, a peça de teatro apresenta algumas semelhanças em relação ao romance: ambos contam alguma coisa que aconteceu em algum lugar, em algum tempo, a certo número de pessoas. Dessa forma, o teatro apresenta **quatro dos cinco elementos da narrativa**: o enredo, o espaço, o tempo e as personagens.

Uma vez que **não possui narrador**, o teatro, diferentemente do romance, é constituído em praticamente sua totalidade pelas personagens; nele nada acontece ou se dá a conhecer se não for através delas, o que faz com que o **teatro aconteça a partir da fala**.

Além do mais, a personagem teatral dispensa a mediação do narrador para se dirigir ao público, de modo que a história é mostrada como se fosse a própria **realidade**. Tal característica torna o teatro persuasivo aos espectadores para transformar **a narração em ação**, pois em confronto com as personagens, frente a frente, são obrigados a acreditar em tal ficção que lhes chega pelos olhos e pelos ouvidos.

Outro aspecto do teatro é o **coro**: muito comum nas **tragédias gregas clássicas**, é uma personagem coletiva composta por um conjunto de atores que cantam ou declamam através de um fragmento lírico a ação. Entre as muitas funções do coro, as que mais se destacam são: retratar opiniões, questões sociais e valores morais.

Assim, o coro da tragédia, além de ser uma **expressão lírica**, também desempenha **funções semelhantes às do narrador do romance moderno**: analisar e criticar as personagens, comentar a ação, dar ressonância moral e religiosa a incidentes que por si não ultrapassariam a esfera do indivíduo e do particular.

A presença deste elemento desapareceu com o surgimento do teatro realista, dando lugar à representação de um universo que faz com que o espectador se identifique com as personagens, uma vez que o teatro é repleto de **gestos da condição humana**. Assim, a matéria da teatralidade são os **momentos decisivos**.

ESTRUTURA

Como visto anteriormente, o texto teatral é constituído por dois textos: o principal – que apresenta as falas das personagens (monólogos, diálogos, etc), de forma a dar andamento à trama – e o secundário – que inclui no texto principal indicações do autor a respeito do cenário, do figurino, entre outras rubricas que dizem respeito a movimentos e modos de falar.

TEXTO PRINCIPAL

O texto principal é aquele que contém as falas das personagens, ou seja, o encaminhamento da trama. Isso, somado ao carácter narrativo do género, faz com que a estrutura deste texto siga, majoritariamente, a ordem linear narrativa já conhecida:

- **Apresentação:** foco na apresentação das personagens, espaço, tempo e do tema.
- **Complicação** (ou conflito): determina as peripécias da peça teatral.
- **Clímax:** momento de maior tensão do drama.
- **Desfecho:** desenlace da ação dramática.

TEXTO SECUNDÁRIO

O texto secundário é aquele que inclui no texto principal indicações do autor a respeito do cenário, do figurino, entre outras rubricas que dizem respeito a movimentos e modos de falar.

Dessa forma, seu objetivo é situar tanto aqueles que vão representar a peça quanto os leitores a respeito da maneira como a trama é desenvolvida, indicando modos de falar, movimentações de personagens, figurinos e cenários de maneira breve e objetiva.

CLASSIFICAÇÃO

O género de texto teatral compreende as seguintes modalidades:

- **Tragédia:** representação de um fato trágico, suscetível de provocar compaixão e terror. Aristóteles afirmava que a tragédia era “uma representação de uma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem figurada, com atores agindo, não narrando, inspirando compaixão e terror”.
- Além disso, o filósofo afirma que “a tragédia é a imitação de uma ação nobre levada até o final”, ou seja, trata-se de uma ação completa (possui, portanto, unidade), e o desenlace do conflito se dá com a total destruição, via de regra com a morte.

- **Comédia:** representação de um fato inspirado na vida e no sentimento comum, de riso fácil, em geral criticando os costumes.
- **Tragicomédia:** modalidade em que se misturam elementos trágicos e cômicos. Originalmente, significava a mistura do real com o imaginário.

A CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS

Como visto, a personagem desempenha a função essencial de dar a acontecer e conhecer as ações da trama. Isto, somado à ausência do narrador no texto teatral, permite que haja **três vias para caracterizar a personagem** de teatro: o que a personagem **revela sobre si mesma**, o que a personagem **faz** e o que as outras personagens **dizem a seu respeito**.

O QUE A PERSONAGEM REVELA SOBRE SI MESMA

Como visto anteriormente, em consequência da ausência do narrador, as personagens desempenham a função de fazer com que as ações aconteçam e se deem a conhecer para os espectadores a partir das falas.

O mesmo fenômeno acontece em suas caracterizações, uma vez que não há como o espectador ter acesso à sua consciência por meio do narrador onisciente, como acontece nos romances; a personagem se revela através de suas falas.

Isto pode acontecer em quatro circunstâncias:

CONFIDENTE

Nesta condição a personagem confessa seu interior – pensamentos, intenções, emoções, segredos, planos – a um amigo confidente. Esta situação é mais comum entre o herói da trama e seu amigo mais próximo.

APARTE

Nesta condição a personagem confessa seu interior aos espectadores, fazendo deles seu confidente. Isto se dá de maneira breve e funciona como um escape da personagem, que é ouvida por acaso pelo público, de maneira não organizada.

É importante notar que aqui a personagem nunca mente, pois está confabulando consigo mesma.

SOLILÓQUIO

No solilóquio a personagem conversa consigo mesma em voz alta, revelando o que se passa em sua consciência.

MONÓLOGO

No monólogo interior a personagem previne o público quanto ao andamento presente ou futuro da ação, não o deixando equivocar-se com referência ao sentido real da cena.

Este discurso é organizado e destinado a ser apreendido pela plateia, uma vez que está é o interlocutor da personagem.

O QUE A PERSONAGEM FAZ

Uma vez que o teatro não apresenta um narrador, a ação é o meio mais poderoso e constante do teatro, ação essa que se manifesta pelas falas das personagens.

Assim, é preciso que as ações das personagens demonstrem o que há dentro delas, seja pelo timbre de voz, pela maneira de andar e olhar, pela expressão corporal – elementos expressos pelo texto secundário.

Dessa forma, o espetáculo depende do acabamento do texto para que os atores possam bem interpretar suas personagens e os leitores possam compreendê-las.

O QUE AS OUTRAS PERSONAGENS DIZEM

Mais uma vez, em função da ausência de narrador, é imprescindível que as personagens expressem pareceres umas sobre as outras, de forma a apresentarem um grau de consciência que em gêneros narrativos diversos elas não teriam ou não precisariam ter.

ATIVIDADES PARA SEREM FEITAS NO CADERNO

1. Registre o cabeçalho, escreva o número e o título desta aula.

2. Elaborando a apresentação:

Atenção: Escolha para apresentar um dos tipos textuais: ensaio ou teatro.

Prepare os tópicos para apresentar, resumindo o que aprendeu, ensinando aos ouvintes os tipos textuais aprendidos nesta aula, as características e aspectos importantes que devem ser lembrados.

Poderá utilizar o computador (fazendo uma apresentação em PowerPoint) ou poderá escrever em folhas de papel sulfite ou cartaz.

3. Preparando o seu texto:

Para a apresentação da produção textual, pode escolher um dos textos que desenvolveu ao longo do volume, ou deverá escrever um novo para exemplificar a apresentação desta aula.

Você pode também **desenhar os personagens** do teatro que criou, se tiver escolhido este tipo textual, e mostrá-los na sua apresentação!

4. A apresentação:

Educador: se diante do contexto for escolhido um dia para a apresentação de todos os tipos textuais, será necessário mais do que uma aula para este fim. De qualquer forma, o aluno deve preparar e deixar tudo pronto e esquematizado para a apresentação final.

Neste momento, será a sua vez de ser o educador, de organizar o conteúdo e de apresentar, com clareza, coerência e em boa voz, tudo o que preparou. Apresente o seu texto e explique as características e elementos que compõem o tipo textual escolhido.